

AS SERPENTES NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE DE MASSARANDUPIÓ, ENTRE RIOS-BA

SERPENTS IN THE PERCEPTION OF RESIDENTS OF THE COMMUNITY OF MASSARANDUPIÓ, ENTRE RIOS-BA

Liny de Jesus Lima^{1*}; Jamille Ferreira Marques²;
Moacir Santos Tinoco³

Resumo:

No conceito popular as serpentes são seres míticos, envoltos em crenças e visões distorcidas sobre sua biologia e importância ecológica. Apesar da sua importância, a percepção que se tem na maioria das vezes é de que as serpentes representam sempre uma ameaça. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo investigar a percepção dos moradores da comunidade de Massarandupió, Bahia, sobre as serpentes, buscando compreender a relação que essas pessoas têm com tais animais. Os dados foram coletados no período de setembro a novembro de 2020, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 20 moradores, sendo quinze mulheres e cinco homens. Verificou-se que esses animais ainda estão presentes de forma negativa no imaginário de grande parte dos entrevistados. Porém, a relação entre os mesmos não se mostrou tão conflituosa, diante do fato de que as serpentes não são mortas pela maioria. No entanto, a infinidade de mitos e lendas que são construídas ao redor das serpentes, pode contribuir para uma cultura enraizada de que esses animais representam sempre uma ameaça ao ser humano, o que pode acarretar em interações negativas com as serpentes. Apesar da maior parte dos entrevistados ter a consciência de que a preservação das serpentes é importante, muitos ainda desconhecem o papel ecológico que elas desempenham na natureza. Desse modo, tornam-se essenciais trabalhos que foquem na educação ambiental a respeito da biologia e importância das serpentes, o que pode ser uma importante ferramenta para disseminar informações corretas a respeito desse grupo. Assim, espera-se que as informações aqui reportadas

¹ Universidade Católica do Salvador *limabio92@gmail.com

² Programa de Pós Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia - UNEB

³ Doutorado em Biodiversity Management pela University Of Kent At Canterbury, Grã-Bretanha - Pró Reitor de Pesquisa e Pós Graduação da Universidade Católica do Salvador

servam como indicadores para se criar estratégias de sensibilização e conservação junto às comunidades.

Palavras-chave: Crenças; Etnozoologia; Lendas; Medo; Mitos.

Abstract:

Among popular understanding, snakes are mystical beings, surrounded by distorted beliefs and views about their ecological relevance. Despite its importance, the common perception most of the times is that snakes always represent a threat. In this context, the present study aimed to investigate the perception of the inhabitants of the Massarandupió-BA Community, about snakes, seeking to understand the relationship that these people have with these animals. Data were collected from September to November 2020, through semi-structured interviews, conducted with 20 residents, 15 women and five men. It was verified that these animals are still present in a negative way in the imagination of most of the interviewees. However, the relationship between them was not so conflicting, given the fact that snakes are not killed by the majority. However, the multitude of myths and legends that are built around snakes can contribute to a rooted culture that these animals always represent a threat to humans, which can lead to negative interactions with snakes. Although most of the interviewees are aware that the preservation of snakes is important, many are still unaware of the ecological role they play in nature. Thus, works that focus on environmental education about the biology and importance of snakes become essential, which can be an important tool to disseminate correct information about this group. Thus, it is expected that the information reported here will serve as indicators to create awareness and conservation strategies with the communities.

Keywords: Beliefs; Ethnzoology; Fear; Legends; Myths.

1. Introdução

As serpentes estão inseridas em um dos grupos de répteis mais diversos do mundo, com 4.038 espécies descritas atualmente (UETZ, 2023), sendo 405 espécies registradas no Brasil (BÉRNILS e COSTA, 2018). Destas, apenas 15% são peçonhentas (famílias *Elapidae* e *Viperidae*) e consideradas potencialmente capazes de causar acidentes que necessitem de interferência médica (MOURA et al., 2010). Serpentes podem ser encontradas em quase todo o mundo, principalmente nas regiões tropicais e, secundariamente, nas regiões temperadas, em razão da sua necessidade de obter calor externo para regular a temperatura do corpo, já que são animais ectotérmicos (MELGAREJO, 2002). São classificadas popularmente em dois grupos de acordo com o risco que representam em relação aos acidentes que podem produzir: peçonhentas e as não peçonhentas (CANTER et al., 2008).

Segundo Gilmore (1986), as serpentes apresentam grande importância etnozoológica devido a diversidade de sensações que causam nas pessoas em razão da curiosidade,

medo e fascínio. No conceito popular, tais animais são vistos sempre como seres míticos, cercados de crenças e visões distorcidas sobre diversos aspectos da sua biologia (BARBOSA, 2007). Na literatura diversos trabalhos abordam uma variedade de crenças associadas às serpentes em praticamente todas as regiões do Brasil (FERNANDES-FERREIRA et al., 2011). Tais crenças são transmitidas de geração em geração, podendo influenciar nas atitudes a serem tomadas em casos de acidentes ofídicos e nas demais relações com o animal (VIZZOTO, 2003 *apud* SANTOS, C. P. D. et al., 2013). Desse modo, existe a aceitação de um estereótipo negativo para todas as serpentes e animais serpentiformes, considerados geralmente como perigosos (MOURA et al., 2010). Ao mesmo tempo, as serpentes são pouco reconhecidas pela sua importância ecológica e interações tróficas (LIMA-VERDE, 1994 *apud* PIRES; PINTO; FIGUEIREDO, 2018). Por exemplo, como predadoras, as serpentes cumprem um papel trófico importante na natureza, controlando populações de certos animais como alguns roedores, responsáveis pela transmissão da leptospirose (OLIVEIRA, 2019). Por outro lado, servem também de alimento para outros animais como aves, mamíferos e até mesmo outras serpentes. São relevantes também para a medicina e a indústria farmacêutica. Além da produção do soro antiofídico para tratar os efeitos contra a própria picada, a peçonha produzida pela jararaca (*Bothrops jararaca*), foi utilizada em estudos que resultaram no desenvolvimento de medicamentos contra doenças como a hipertensão, a exemplo dos medicamentos conhecidos comercialmente como Capoten e Propanolol (FRAGA et al., 2013; MACHADO, 2018). Apesar da sua importância, a percepção que se tem na maioria das vezes é de que as serpentes são animais que apenas trazem riscos para os humanos (SANTOS.; SANTOS; SANTOS, 2016). E isso, ocasiona, invariavelmente, ataque indiscriminado às espécies, independentemente de serem ou não peçonhentas. Portanto, investigar o conhecimento etnozoológico tradicional permite uma melhor compreensão das interações do homem com o meio ambiente, sendo fundamental para a formulação de estratégias para a conservação de recursos naturais junto às comunidades locais (ALVES e ROSA, 2005; BARBOZA et al., 2007).

Ao observar a aversão que as pessoas têm sobre as serpentes, tornam-se necessários esforços para difundir e popularizar o conhecimento sobre a biologia e comportamento desses animais. Apenas dessa maneira será possível desmitificar tais percepções e sensibilizar as pessoas sobre a importância ecológica desses animais para estimulá-las a promover a conservação dos mesmos (LIMA et al., 2018).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo investigar a percepção dos moradores da comunidade de Massarandupió sobre as serpentes, para tentar melhor compreender a relação que essas pessoas estabelecem com esses animais.

2. Materiais e Métodos

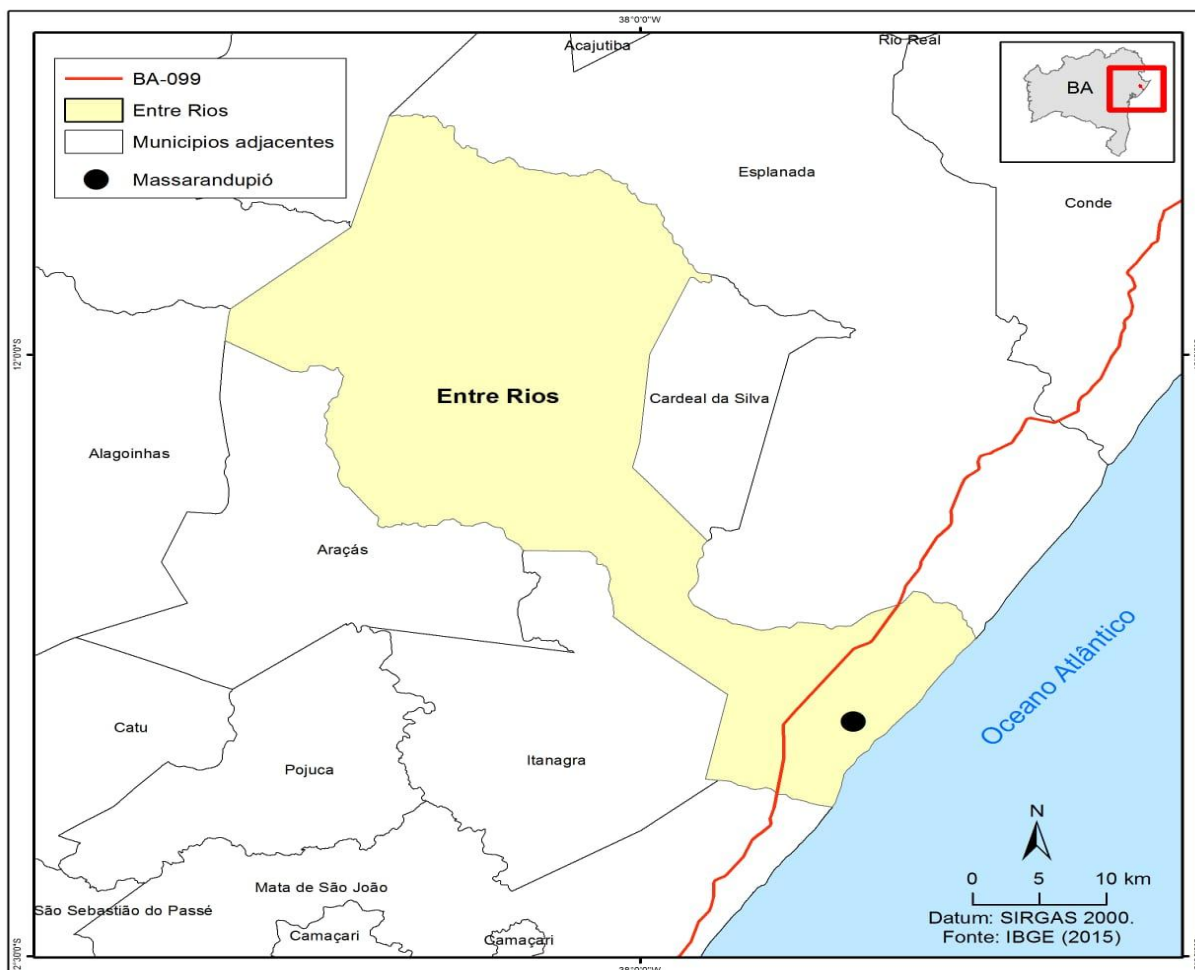
2.1. Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade de Massarandupió, situada a aproximadamente 100 km da cidade de Salvador (Figura 1). Com cerca de 565 habitantes, desde a última contagem (SOUZA, 2011), a comunidade localiza-se na faixa costeira do Município de Entre Rios, no centro da Área de Proteção Ambiental – APA Litoral Norte, na região do

AS SERPENTES NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE DE MASSARANDUPIÓ, ENTRE RIOS-BA

Litoral Norte do Estado da Bahia, região nordeste do Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2019), a região se insere no bioma Mata Atlântica e a vegetação é caracterizada por diversos ecossistemas associados ao mesmo, tais como restingas, dunas, manguezais, praias, lagoas e riachos (SOUZA, 2009). A economia local é baseada na pesca e no artesanato da palha piaçava (*Attalea funifera*). Muitas mulheres dedicam-se ao artesanato em palha e produzem bolsas, tapetes, chapéu, entre outros.

Figura 1. Localização da comunidade de Massarandupió, município de Entre Rios, litoral norte da Bahia, Fonte: Luis Paixão (2020).



2.2 Obtenção, tratamento e análise dos dados

As informações foram coletadas durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2020 através de entrevistas individuais semiestruturadas, método que permitiu a captura de grande quantidade de informações, possibilitando a investigação da percepção dos moradores sobre as serpentes de forma mais ampla (BARBOSA, 2007).

Os moradores da comunidade de Massarandupió constituíram o foco das entrevistas, que tiveram duração média de 20 minutos. Foi utilizado um questionário contendo sete perguntas e todas as entrevistas foram gravadas em áudio com a permissão do entrevistado e, posteriormente, transcritas mantendo-se a linguagem nativa.

O método “bola de neve” (*Snowball*) (BALDIN, 2011) foi utilizado para a escolha dos entrevistados, onde cada um deles indicou outros naturalmente reconhecidos pela população por se destacarem em relação ao conhecimento do tema estudado. A busca por novos entrevistados finalizou quando cessaram novas indicações de entrevistados na comunidade e o ciclo de indicações se tornou fechado. O método utilizado para analisar os dados foi o de análise de conteúdo, técnica que permitiu descrever e interpretar tudo o que foi dito nas entrevistas, buscando compreender o que se encontrava por trás de cada discurso (SILVA; FOSSÁ, 2015).

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do projeto de pesquisa “Etnoherpetologia: Percepção, simbolismo e conservação em comunidades tradicionais do Litoral Norte da Bahia”, aprovado pelo número do Parecer: 4.351.579 e submetido na Plataforma Brasil. Todos os entrevistados responderam de forma voluntária, juntamente com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo todas as informações e o objetivo da pesquisa.

3. Resultados e discussões

Um total de 20 pessoas foram entrevistadas, sendo 15 do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idades de 22 a 73 anos. Observou-se que ao atingir esse número de entrevistados, os moradores começaram a repetir os nomes das pessoas que já haviam sido indicadas para a pesquisa, alcançando o que é chamado de “ponto de saturação”, quando os novos entrevistados passam a repetir o conteúdo obtido nas entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes a pesquisa (WHA, 1994 *apud* BALDIN, 2011).

Quanto às atividades desenvolvidas pelos moradores, a maior parte foi representada por mulheres ocupadas pelo artesanato da palha piaçava, enquanto os homens eram pescadores e caçadores mais experientes da região.

O encontro com as serpentes se mostrou bastante comum no cotidiano dos moradores, pois todos relataram encontros inesperados em muitas situações. Alguns informaram já terem se deparado durante o processo de retirada da palha, durante a pesca ou nas caçadas, pela estrada, no rio ou até mesmo em suas casas. Uma das entrevistadas relatou já ter sido “ofendida” (picada) por uma jararaca em sua casa enquanto dormia, fato que contribuiu para o aumento do medo da mesma com relação às serpentes.

Nesse contexto, questionou-se a respeito das atitudes tomadas pelos moradores no encontro ocasional com uma serpente. A atitude mais frequente foi a de não matar o animal e deixá-lo ir embora (56,3%), seguida por aqueles que já mataram por medo, mas não matam mais pois ressaltaram que o ato de matar é proibido (25%). Outros 18,8% disseram que matam a serpente, ato justificado pelo fato de considerá-la perigosa. A seguir, a tabela com algumas das etnoespécies citadas pelos moradores durante as entrevistas:

Tabela 1: Etnoespécies citadas pelos moradores.

Etnoespécie	Citações
Bucaiuuba	2
Cainana	10
Cainane	2
Cascavel	13
Cipó	8
Cobra d'água	5
Cobra verde	5
Coral	9
"de coral"	5
Jaracuçu	14
Jararaca do rabo branco	4
Jararaca do rabo preto	2
Jararaca	13
Jiboia	15
Malha de sapo	5
Papa pinto	6
Pico de jaca	4
Sucruíú	11
Sucuri	7
Surucucu malha de fogo	1
Surucucu	6

Quando questionados se achavam todas as serpentes perigosas, 45% dos entrevistados afirmaram que sim, enquanto 35% responderam que nem todas são, indicando apenas algumas como tal, a exemplo da jararaca. Alguns relataram que consideram a jararaca do rabo branco mais perigosa e venenosa do que as outras espécies do gênero *Bothrops*, como jaracuçu e urutu, que relataram ocorrerem na região, além das outras espécies peçonhentas dos demais gêneros, como a cascavel (*Crotalus durissus*), surucucu (*Lachesis muta*) e a coral (*micrurus ibiboboca*). Quanto a esta última, relataram não saber diferenciar entre a peçonhenta (coral verdadeira) e a não peçonhenta (falsa coral).

Ao serem questionados se sabiam diferenciar uma serpente peçonhenta de uma não peçonhenta, 25% responderam que identificam principalmente pelo nome, 30% responderam que não sabem diferenciar e outros 45% não responderam essa questão. Notou-se que grande parte dos entrevistados se orienta pelo nome comum da serpente para diferenciar as espécies peçonhentas das não peçonhentas, além de algumas características do animal, como a coloração, no caso das espécies do gênero *Bothrops*

citada como a mais venenosa. Moura et al., (2010) afirmam que a identificação incorreta das espécies que são peçonhentas pode contribuir para o aumento dos acidentes.

A respeito dos mitos e crenças sobre serpentes, 20% dos entrevistados não sabiam de muitas histórias e 80% relataram algumas crenças envolvendo determinadas espécies. Abaixo, algumas das crenças que foram relatadas pelos moradores:

Cobra na cachaça – Dizem que beber a cachaça misturada com a cobra, ajuda a combater o veneno das outras: “Eu sei da cachaça, a jararaca. A jararaca não, a de coral! É pra quebrar o veneno das outras, das outras cobras que morder. Se tomar a cachaça das cobras combate o veneno delas.”

Chocalho da cascavel – Muitas pessoas utilizam o chocalho da cascavel para a fabricação de remédios caseiros para combater a asma. Também é comum acreditarem que cada anel do guizo representa um ano de vida do animal. Porém, sabe-se que esses anéis do guizo correspondem às trocas de pele da serpente, a qual pode ocorrer mais de cinco vezes no ano a depender da dieta do animal (Marques et al., 2019): “o cascavel que tem o chocalho, que ele tem o chocalho no rabo, que quantos anos ele tem, é aquelas pontinhas do chocalho que ele tem, aí ele fica balançando aquele chocalho. O povo até tira aquilo ali pra fazer remédio pra cansaço, pra asma, o chocalho da cascavel. Ali ele conta os anos que ele tem.”

Poucos moradores relataram a crença de que *Crotalus durissus* (cascavel) é capaz de causar a própria morte: “...ela dizia que a cascavel zangada não encontrou ninguém pra morder, ela se morde, se mata.”

Banha da sucuri - Uma crença que parece estar bastante difundida entre os moradores de Massarandupió, é a chamada “banha do homem”. A gordura da sucuri (*Eunectes murinus*) é utilizada para a produção de remédios caseiros no tratamento de algumas enfermidades. Por exemplo, como cicatrizante em feridas e até mesmo para problemas como “derrame”. Foi questionado o porquê do nome “banha do homem” e apenas dois entrevistados relataram que o nome se dá porque eles acreditam que se falar o nome da serpente, no caso, a sucuri, corta o efeito do remédio: “Tem o sucruíú, que chama banha do homem. Aí diz que é bom, antigamente o pessoal tinha problema de AVC, derrame, essas coisas, que chamava... que hoje é o avc, eles davam pro pessoal beber e curava.”

Cobra que “voa” em cima das pessoas – Foi relatada durante as entrevistas, a crença de que a caninana (*Spilotes pullatus*) quando está choca, “voa” em cima das pessoas. Essa crença pode ser explicada pelo fato de a serpente quando estressada, apresentar comportamentos agressivos, podendo realizar algumas investidas no inimigo na intenção de intimidá-lo: “E papai dizia que a cainan voa em cima das pessoas quando irritada também.”

Cobra que espera – Muitas pessoas acreditam que se não matar a cobra direito, ela volta e espera a pessoa para uma “vingança”. No entanto, sabe-se que as serpentes não possuem capacidade de nutrir sentimentos, não sendo possível esperar alguém para se vingar: “eu tomei medo porque diz se num matar ela, esmagar bem a cabeça, esbagaçar, ela se recupera e ela vem esperar.”

Jiboia (*boa constrictor*) – Houve alguns relatos de moradores que acreditam que a jiboia só é venenosa no mês de junho. No entanto, não é possível confirmar essa crença, pois as jiboias apresentam dentição áglifa, ou seja, não possuem presas para a inoculação de peçonha. Portanto, não oferecem risco ao ser humano: “A jiboia só é perigosa no mês de junho. Porque no mês de junho se ela morder e berrar não tem cura.”

Cobra que deixa o veneno fora da água – Dizem que quando a cobra entra na água, ela deixa o veneno fora. Uma das entrevistadas relatou que foi mordida por uma cobra enquanto mariscava no rio: “Eu fui mariscar lá no poção, lá onde tem a ponte, chama rio poção... Tô eu pegando e eu vi preto na resta do poste, da luz do poste. Eu pelejando pá pegar e que ela ta escorregando, daqui a pouco pegou aqui na palma da minha mão, que eu suspendi, a cobra, aí eu fiz assim... ela soltou, foi embora, a mão ficou saindo sangue, saiu bastante sangue, mas não tive nada. Porque disse que ela quando tá na água, pode ser quem for, ela deixa o veneno fora, pra poder entrar na água, eu não tive nada.”

Com relação às crenças citadas acima, foi perguntado aos moradores como ou com quem eles aprendiam essas histórias e todos afirmaram que ouviram e aprenderam com seus antepassados: pai, mãe, avô e etc., confirmando o que afirma Vizzoto (2003), citado por Santos et al., (2013), em seus estudos de que muitas dessas crenças são passadas de geração em geração.

Quando questionados se conheciam alguma importância ou utilidade das serpentes, boa parte dos entrevistados 90%, responderam positivamente. Apenas 10% não atribuíram nenhuma importância para as mesmas. Isso pode ser explicado devido ao fato da presença de serpentes no mesmo ambiente que humanos gerar conflitos, o que acaba sendo um fator de risco para as espécies, visto que esse grupo está presente de forma negativa no imaginário popular que fazem associação desses animais ao perigo (ARGÔLO, 2004).

As utilidades atribuídas às serpentes foram a fabricação de remédios e o soro antiofídico e alguns também disseram que as serpentes são importantes porque fazem a função de se alimentar de outros animais. E a maior parte respondeu que as serpentes são importantes porque são animais criados por Deus.

No entanto, observou-se que apesar da maioria considerar as serpentes como animais importantes, muitos ainda desconhecem as reais utilidades que as mesmas desempenham na natureza. Abaixo, alguns comentários registrados durante as entrevistas:

“São todos importantes, porque foi todos Deus que deixou né, se existe é porque Deus já deixou tudo né, então são todos importantes”

“Elas fazem a função de comer rato, comer outros insetos que é a função dela”

“Diz que eles tira o veneno né, pega as cobra, leva pro veterinário tirar o veneno e o veneno é que faz o... a vacina né, contra a cobra”

Houve alguns relatos sobre o uso de algumas espécies para usos medicinais. Espécies como a sucuri e a cascavel foram as mais citadas. No entanto, os moradores foram unânimes em relatar o uso da gordura da sucuri para o tratamento de furúnculos e até mesmo para a cura do derrame. Já a cascavel foi pouco citada e alguns moradores relataram o uso do chocalho para o tratamento da asma.

Fischer; Palodeto; Santos (2017) afirmam que o uso insustentável de animais na medicina pode gerar impactos indiretos em suas populações e que a comunidade científica enxerga essa prática como uma ameaça a conservação da vida selvagem. Isso porque, em sua maioria, os animais utilizados são retirados diretamente da natureza.

O Brasil abriga diversas comunidades humanas com tradições e costumes particulares, desse modo, a importância e utilidade que essas comunidades atribuem as espécies locais parecem ser proporcionais a diversidade cultural de cada região (SILVA, 2016). Portanto, é de suma importância conhecer as interações, usos e percepções das pessoas em relação as espécies e assim propor estratégias de proteção da natureza e sua biodiversidade sem esquecer as pessoas inseridas nesse contexto (MARQUES et al., 2019).

Quando questionados sobre suas relações com a natureza, os entrevistados responderam de modo majoritário que são parte dela, pois assim se sentem: como as plantas, as águas e, inclusive, os animais. Por consequência o sentimento de pertencimento, orgulho e gratidão se tornam explícitos no discurso dos moradores de Massarandupió, pois a localidade vai além de um lugar a se viver, representa também fonte de sustento e grandes lembranças.

Em contrapartida, quando se trata da sensação, sentimento ou percepção em relação as serpentes, 80% dos entrevistados afirmaram que sentem medo e apenas 20% disseram que não. O medo e a percepção negativa podem ser explicados pela peçonha que é produzida por algumas espécies. Ou, ainda, que a origem do medo seja pelo fato de que a maioria das pessoas nunca teve contato direto com uma serpente ou nunca recebeu orientação correta sobre como diferenciar uma serpente peçonhenta de uma não peçonhenta (FRAGA et al., 2013). Abaixo, mais alguns comentários registrados durante as entrevistas:

“Eu tenho medo porque a cobra mata”

“Se eu tenho? Oxe! E eu quero conta com elas? Não quero conta”

“Na verdade, eu tenho pânico de cobra”

Hoehl et al., (2017) concluíram em seus estudos que o medo de serpentes e aranhas tem origem evolutiva, pois as pessoas enxergam esses animais como perigosos e repugnantes. Assim, os autores afirmam que o cérebro humano incorporou tais reações frente a esses animais ao longo da evolução.

Resumir a fobia por serpentes a uma condição genética e predestinada ao homem, naturaliza as práticas que esse pavor traz consigo e que causam tantos prejuízos não só às suas espécies, como também à natureza como um todo. A maioria das pessoas realmente se sente ameaçada pelo animal em questão, mas essa escrita defende que tal característica é mais um traço cultural que foi construído pelo homem e está sujeito a ser desconstruído pelo mesmo.

A infinidade de mitos, contos e lendas já contribui na manutenção do preconceito contra as serpentes que justificam o desinteresse por informações concretas e leva ao extermínio. Considerar que a má relação entre pessoas e serpentes é meramente uma marca da evolução humana seria atribuir mais uma justificativa para a estagnação.

4. Conclusões

Quanto à percepção e a relação dos moradores com as serpentes, verificou-se que esses animais ainda estão presentes de forma negativa no imaginário de grande parte dos entrevistados. Porém a relação entre os mesmos não se mostrou tão conflituosa, diante do fato de que as serpentes não são mortas pela maioria.

No entanto, mitos e lendas construídas ao redor das serpentes, podem contribuir para uma cultura enraizada de que esses animais representam sempre uma ameaça ao ser humano, o que pode acarretar no ataque indiscriminado às espécies. E apesar da maior parte dos entrevistados ter a consciência de que a preservação das serpentes seja importante, muitos ainda desconhecem o papel ecológico que elas desempenham na natureza.

Desse modo, tornam-se essenciais trabalhos que foquem na educação ambiental a respeito da biologia e na importância das serpentes, o que pode ser uma importante ferramenta para disseminar informações corretas a respeito desse grupo. Sendo assim, espera-se que as informações obtidas sirvam como indicadores para se criar estratégias de sensibilização e conservação junto às comunidades.

Referências –

ALVES, R. R. N.; & ROSA, I. L. Why study the use of animal products in traditional medicines? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, London, v. 1, p. 1-5, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1277085/>.

ARGÔLO, A. J. S. **As serpentes dos cacauais do Sudeste da Bahia**. Ilhéus-Bahia: Editora da Uesc. cap. 4.2, p. 129-130, 2004.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (Bola de neve)**: Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Curitiba: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

BARBOSA, A. R. **Os humanos e os répteis da mata: uma abordagem etnoecológica de São José da Mata – Paraíba**. 2007. João Pessoa-PB. 145. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba – Prodepa. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49319/os-humanos-e-os-repteis-da-mata-uma-abordagem-etnoecologica-de-sao-jose-da-mata---paraiba>. Acesso em: 13 set. 2020.

BARBOZA, R. R. D.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. The use of zootherapeutics in folk veterinary medicine in the district of Cubati, Paraíba State, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v3. n.32. 2007. Disponível em: <https://ethnobiomed.biomedcentral.com/articles/10.1186/1746-4269-3-32>. Acesso em: 13 set. 2020.

BÉRNILS, R. S. e COSTA, H. C. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. **Herpetologia Brasileira**, v. 7, n. 1, p. 11, 2018.. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/324452315_Repteis_do_Brasil_e_suas_Unidades_Federativas_Lista_de_especies. Acesso em: 13 set. 2020.

CANTER, H.M.; SANTOS, M.F.; SALOMÃO, M.G.; PUORTO, G., PEREZ JUNIOR, J.A. **Animais Peçonhentos: serpentes.** 2008 Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2008_3/Serpentes/index.htm>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FERNANDES-FERREIRA et al. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, n.11, v.2, p. 154, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270536361_Crenças_Associadas_a_Serpentes_no_Estado_do_Ceara_Nordeste_do_Brasil. Acesso em: 13. set. 2020.

FISCHER, M. L.; PALODETO, M. F. T.; SANTOS, E. C. D. Uso de animais como zooterápicos: uma questão bioética. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. p.217-243, 2018.

FRAGA, R.; LIMA, A. P.; PRUDENTE, A. L, C. e MAGNUSSON, W. E. **Guia de Cobras da Região de Manaus - Amazônia Central**. Manaus: Editora Inpa, 2013. Disponível em: https://ppbio.inpa.gov.br/sites/default/files/guia-cobras-regiaoManaus_PPBio_CENBAM.pdf. Acesso em: 09 set. 2020.

GILMORE, R.M. (1986). **Fauna e etnozologia da América do Sul Tropical**. In Suma etnológica Brasileira (D. Ribeiro, ed.). FINEP/Vozes, Rio de Janeiro, p.189-233.

GONZALEZ, R. C et al. (2020). Lista dos nomes populares dos répteis no Brasil – Primeira versão. **Herpetologia Brasileira**, v. 9, n. 2, p.170-194, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344037889_LISTA_DOS_NOMES_POPULARES_DOS_REPTEIS_NO_BRASIL_-_PRIMEIRA_VERSAO. Acesso em: 28 nov. 2020.

HOEHL, S. et al. **Itsy bitsy spider... Infants react with increased arousal to spiders and snakes.** 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.01710/full>. Acesso em: 25 nov. 2020.

IBGE. **Entre Rios.** 2019 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/entre-rios/panorama>. Acesso em: 13 set. 2020.

LIMA, B. S. et al. Investigando o conhecimento etnoherpetológico dos cafeicultores sobre as serpentes do Município de Inconfidentes, Minas Gerais, Brasil. **Ethnoscintia**. v.2, 2018. Disponível em: <http://ethnoscintia.com/index.php/revista/article/view/137>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MACHADO, C. **Acidentes ofídicos no brasil: da assistência no município do rio de janeiro ao controle da saúde animal em instituto produtor de soro antiofídico.** 2018. Rio de Janeiro – RJ. Tese – Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/27452/2/claudio_machado_ioc_dout_2018.pdf. Acesso em: 25.nov. 2020.

MARQUES, J; PORTO, C.; ARAÚJO, C.; MOURA, G.; TINOCO, M. **Sociobiodiversidade, etnoecologia e etnoherpetologia.** In: TINOCO, M. S. (Org.). Restinga: Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia. Salvador: Barro de Chão Editora e Produções Ltda. cap. 524, p. 524-531, 2019.

MARQUES, R.; TINOCO, M. **Conservação de serpentes do Litoral Norte da Bahia.** In: Tinoco, M. S. (Org.). Restinga: Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia. Salvador: Barro de Chão Editora e Produções Ltda. cap. 376, p. 376-493, 2019.

MELGAREJO, A.R. **Criação e manejo de serpentes.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2002. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sfwtj/pdf/andrade-9788575413869-25.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

MOURA, M.R., COSTA, H.C., SÃO-PEDRO, V.A., FERNANDES, V.D. e FEIO, R.N. **O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil.** Biota Neotrop, 2010.. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bn/v10n4/18.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

OLIVEIRA, S.; V.; D. Leptorpirose - **Guia de vigilância em saúde:** volume único: 3º edição. Cap. 10, p. 594, 2019. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_saude_3ed.pdf. Acesso em: 21/04/2023.

PIRES, M. R. S; PINTO, L. C. L; FIGUEIREDO, M. R. O. D. Percepção ambiental sobre o conhecimento popular de moradores rurais relativo as serpentes e acidentes ofídicos. **Educação Ambiental em Ação**, Minas Gerais, v. 12, n. 45, 2018. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1615>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SANTOS, A. A.; SANTOS, E. M.; SANTOS, C. A. B. Crenças e percepções sobre *Philodryas olferssi* (lichtenstein, 1823), em Ribeira do Amparo, sertão da Bahia. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v.7, n.3, p.16-26, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2016.003.0002>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SANTOS, C. P. D. et al. Serpentes: Costumes, saberes e crenças, na praia de Barra de Gramame, Litoral Sul da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Ouricuri**, Paulo Afonso, v. 3, n. 2, p. 39-40, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/6419>. Acesso em: 13. set. 2020.

SILVA, A. H. & FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, PB, Vol 17, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 15 set. 2020.

SILVA, M. C. D. **Uso e representação dos anfíbios e répteis de área urbana no semiárido, Nordeste do Brasil.** 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da UNEB). Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso – BA.

SOUZA, M. D. L.C; GERMANI, G. I.; SOUZA, E. R. L. D. C. **Conflitos de interesses na produção do espaço na área costeira do Litoral Norte da Bahia.** 2011. Disponível em: https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_souzagermani_producao_oespacolitoralnorteba.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

SOUZA, M. D. L. C. **Interesses na produção do espaço no Litoral Norte da Bahia: Massarandupió e seu entorno.** 2009. 160f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador Bahia. doi: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17827>.

AS SERPENTES NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE DE MASSARANDUPIÓ, ENTRE RIOS-BA

UETZ, P. e HOŠEK, J. **The Reptile Database**. 2019. Disponível em: www.reptile-database.org. Acesso em: 29 jul. 2020.

UETZ, P. e HOŠEK, J. **The Reptile Database**. 2023. Disponível em: www.reptile-database.org/db-info/SpeciesStat.html. Acesso em: 16 abr. 2023.

UETZ, P. e HOŠEK, J. **The Reptile Database**. 2020. Bothrops neuwiedi Wagler, 1824. Disponível em: <https://reptile-database.reptarium.cz/species?genus=Bothrops&species=neuwiedi>. Acesso em: 28 nov. 2020.

Recebido em: 22/12/2022

Aprovado em: 21/09/2023

Publicado em: 09/10/2023